

## **A(s) configuração(ões) identitária(s) no cenário da pós-modernidade**

### *La(s) configuración (s) identidad (s) enelescenario de laposmodernidad*

Rondinele Aparecido RIBEIRO<sup>1</sup>

#### **Resumo**

As questões identitárias ganharam espaço privilegiado na teoria social, porque se constituem uma forma de entender como são formadas as relações humanas. Tais identidades não são elaboradas isoladamente, mas negociadas pelo indivíduo durante toda a vida e são construídas e reconstruídas no interior de trocas sociais. Dessa forma, o presente artigo objetiva estabelecer considerações acerca da(s) identidade(s) no que se convencionou chamar de pós-modernidade, conceito amplamente comentado e discutido, mas ainda repleto de lacunas. Grosso modo, pode-se definir esse estágio como a era em que a arte se dessacralizou, passando a ser produzida em série com o intuito de ser consumida e alimentar uma indústria cultural. Trata-se de uma era na qual o homem revela uma profunda crença na felicidade do consumo, gerando adescartabilidade das relações e uma profunda fragilidade acerca da condição humana. Assim, o presente artigo se ocupa em traçar considerações acerca da(s) identidade(s) na condição pós-moderna.

**Palavras-chave:** Identidade. Pós-Modernidade. Configuração. Fluidez

#### **Resumen**

Problemas de identidad ganaron espacio privilegiado en la teoría social, ya que son una forma de entender cómo se forman las relaciones humanas. Estas identidades no se hacen por separado, pero negociados por el individuo a lo largo de la vida y se construyen y reconstruyen en los intercambios sociales. Por lo tanto, este artículo tiene por objeto establecer las consideraciones acerca de la (s) identidad (s) en la llama da posmodernidad, ampliamente revisado y discutido el concepto, pero todavía lleno de lagunas. En términos generales, se puede definir esta etapa como la época en que el arte es profanado, va a ser producido en serie para ser consumida y alimentar una industria de la cultura. Es una época en que el hombre revela una profunda creencia en la felicidad de consumo, generando la capacidad de eliminación de las relaciones y una profunda fragilidad de la condición humana. El presente artículo se ocupa de trazar consideraciones sobre la (s) identidad (s) en la condición posmoderna.

**Palabras clave:** Identidad. Posmodernidad. Configuración. Flujo

---

<sup>1</sup> Especialização em Cultura, Literatura Brasileira e Língua Portuguesa. Professor aa FANORPI – UNIESP. Membro do GP Cultura Popular e Tradição Oral: Vertentes (UNESP-ASSIS). E-mail: rondinele-ribeiro@bol.com.br

## **Introdução**

A questão acerca das configurações identitárias são extremamente importantes na contemporaneidade. Esse conceito amplamente discutido ganhou contornos relevantes devido ao estágio de globalização experimentado, o que alimentou ainda mais esse debate. Primeiramente, é necessário afirmar que o conceito de identidade, nas palavras de Bauman(2005), não passava de uma convenção que foi apreendido e assimilado ao longo do tempo. Basta se lembrar que, de início, tal conceito era ditado pelo nascimento do indivíduo numa sociedade marcada pela estratificação. Mais tardiamente, o conceito passou a se relacionar com o papel que o indivíduo ocupava na pirâmide de trabalho.

Dessa forma, para o teórico, as identidades são transitórias à medida em que se alteram em virtude das relações entre os seres se notabilizarem por serem cada vez mais fluidas. Assim, o presente artigo tem como objetivo tecer considerações acerca da constituição das identidades no cenário intitulado de pós-modernidade. Pretende-se com este trabalho, mostrar como são formadas as relações sociais e como elas são negociadas nesse período tão ambivalente.

## **A questão da identidade na modernidade**

Para Hall (2001), a identidade é um assunto extremamente discutido em teoria social. O autor postula que é um conceito importante para se compreender as relações sociológicas de fim de século. Assim, o teórico postula que “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2001. p.07).

Hall sustenta que há identidades plurais, encarada como processo mais amplo de mudança e defende que as identidades estão sempre em formação, não sendo fixas, estáticas, mas sim alteráveis. Por sua vez, Bradley (1996, p.24) postula que “a identidade deve ser entendida como a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios.

De acordo com as considerações do autor:

A identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam (BRADLEY, 1996, p.24).

Depreende-se, então, que as identidades não são elaboradas isoladamente, mas negociadas pelo indivíduo durante toda a vida. De fato, o conceito nunca foi tido como prioridade. Bauman afirma que o referido conceito era fruto de meditação filosófica. Todavia, esse assunto assume papel na análise de muitos autores que objetivam entender como se processam as relações sociais. Em sua obra intitulada *A identidade cultural na pós-Modernidade*, o estudioso jamaicano Stuart Hall aponta para uma crise acerca da identidade e a delinea como um processo mais amplo de mudança. Dessa forma, o grande objetivo do autor é buscar explorar questões relacionadas com a identidade cultural na modernidade tardia bem como avaliar se há uma crise a respeito do tão discutido conceito de identidade. Nas palavras do autor, identidade trata-se de “um conceito demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea” (HALL, 2001, p.08).

Não se pode esquecer de que a questão da identidade liga-se às heranças sociais e culturais. É um conceito que se forma pela vivência em grupos que mantêm hábitos parecidos e se caracteriza por ser transitória, porque o indivíduo contemporâneo busca identidades em movimento.

Nesse sentido, para Stuart Hall, as identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades” (HALL, 2001. p.12).

Como as identidades se constroem e se reconstróem no interior de trocas sociais, Hall (2001) assevera que há três concepções de sujeito a saber: o sujeito do Iluminismo, o Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-Moderno. Para o autor, o sujeito do Iluminismo está centrado na concepção de um indivíduo centrado unificado e dotado de razão. Dessa forma, para o típico representante dessa categoria, o centro social era a marca de identidade. Assim é lícito afirmar que no século XVIII, a concepção de identidade é

marcada pelo individualismo e está associada ao ideal de autenticidade. Para se ter uma ideia, esse sujeito acredita na razão e na crença de transformação do mundo por meio da racionalidade, o que acaba desaguando num estado racional capaz de resolver problemas. Esse indivíduo nas palavras de Hall é caracterizado como “indivíduo centrado e dotado das capacidades de razão, consciência e de ação” (HALL, 2001, p.10).

Já quanto ao sujeito sociológico, Hall assevera que ele reflete as complexidades do mundo moderno marcadamente influenciado pela concepção de um sujeito não autônomo e autossuficiente formado pela relação com outras pessoas. Há nesse sentido, a construção da identidade, que acaba se consolidando por meio de mediação de símbolos, sentidos e valores.

Por fim, no que se refere à terceira categoria criada por Hall, pode-se afirmar que o sujeito pós-moderno é aquele que surge a partir do momento em que as transformações sociais acabam libertando o indivíduo de seus apoios e de suas tradições. Esse sujeito é caracterizado por não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. Para o autor, esse sujeito é definido historicamente e não biologicamente. Como consequência de uma era marcada por profundas alterações, tem-se um sujeito marcado por identidades provisórias, fragmentadas. Dessa forma, aquele sujeito caracterizado por ter uma identidade estável não mais existe, passando a ser caracterizado por relações transitórias, variáveis e problemáticas. Assim, devido às mudanças e movimentos ocorridos no fim do século XX e início do século XXI, compreende-se a pós-modernidade como um movimento social que abarca várias instâncias.

Como se percebe, a atual etapa da sociedade constituiu-se como um período de profundas transformações sociais. É um período em que se presencia um forte desenvolvimento da imprensa e da comunicação. Trata-se de uma era marcada pela velocidade dos descobrimentos. Afinal, nunca se teve tantas descobertas em período de tempo pouco reduzido. Dessa forma, a sociedade vive em prol de novas buscas, tendo novos anseios porque a realidade na qual está inserido é outra bastante diferente de períodos anteriores. A sociedade do consumo e a sociedade globalizada são um reflexo desses novos tempos.

## O advento da pós-modernidade: algumas considerações

O pós-moderno, embora seja tão comentado e discutido, ainda é um conceito repleto de lacunas, ou até mesmo, distorções. Isso prova que um conceito para um tema basilar na teoria social ainda é pouco aceito ou compreendido. Para se ter uma ideia do quão controverso é o termo, alguns teóricos são céticos ao tratarem acerca da pós-modernidade e se questionam se seria lícito empregar esse termo para se referir a países situados fora dos países desenvolvidos. Linda Hutcheon, por exemplo, postula ser o movimento “um fenômeno cultural internacional, pois é basicamente europeu e (norte e sul-americano)” (HUTCHEON, 1995, p.20). Ainda mais radical é o ponto de vista do estudioso Jameson (1994) para quem a pós-modernidade em sua essência é a norte-americana.

Na contramão dessas opiniões, é o ponto de vista de teóricos situados em países periféricos do cenário global. Para se citar um exemplo na América Latina, tem-se o estudioso Nestor Garcia - Canclini. O autor emprega a expressão “hibridização cultural” como marca característica do continente. No plano do desenvolvimento, o teórico elege como fio condutor de seus postulados a heterogeneidade existente nos países do continente.

Nas suas palavras:

Hoje concebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento. Para repensar esta heterogeneidade é útil a reflexão antievolucionista do pós-modernismo, mais radical que qualquer outra anterior (GARCIA-CANCLINI, 1997, p.28).

Traçando uma trajetória acerca do emprego do termo pós-moderno, constata-se ser Lyotard (apud Pellegrini, 2001, p.55) o primeiro a definir um conceito para o pós-moderno no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Para o teórico, a era pós-moderna é aquela em que não há metanarrativas. É a era em que há predominância dos jogos de linguagem em que a multiplicidade e a heteromorfia predominam em uma sociedade pontilhistas marcada pela impossibilidade de estabelecer regras gerais. Assim,

esse período se notabiliza pela recusa de narrativas longas em que se verifica ainda uma forte consciência do fracasso.

Em oposição à Era Clássica, que assinala o apogeu do capitalismo competitivo, da família enquanto instituição nuclear, a atual etapa da sociedade se configura pela predominância do capitalismo corporativo, que se convencionou denominar de “homem da organização”. Essa era é também conhecida como a “era das burocracias” e da redefinição do papel do Estado.

Giddens (1990) credita às sociedades modernas o fato de serem sociedades de mudanças constantes e rápidas. Nas palavras do autor: “Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e com o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas recorrentes” (GIDDENS, 1990, p.37-38).

Bauman, por sua vez, ao tecer considerações acerca do estágio atual da sociedade, cria a expressão “modernidade líquida” justamente pelo fato de se passar por grandes e rápidas mudanças em um espaço cada vez mais reduzido de tempo. Assim, a solidez, que uma característica da era moderna, cai, surgindo a ideia de “liquidez”.

Nas palavras do autor:

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal-coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios”, seja genuína ou supostas, bem integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver (...) a questão da *lamêmete* (a coerência daquilo que nos distingue como pessoas, o que quer que seja) (BAUMAN, 2005, p.19).

Para o autor, a emergência do pós-modernismo deve-se ao fato do surgimento da nova fase do capitalismo consumista, que revela uma profunda crença na felicidade do consumo, gerando a descartabilidade das relações e uma profunda fragilidade acerca da condição humana. O aspecto descartável das mercadorias acaba, de certa forma, invadindo o plano das relações humanas cada vez mais caracterizado pela satisfação imediata do indivíduo. Dessa postulação, depara-se com uma forte constatação de que

as pessoas se tornam incapazes de manter relações duradouras. Pode-se citar como exemplo as relações amorosas e os demais vínculos caracterizados como fluidos e alteráveis. Dessa situação, tem-se uma sociedade cada vez mais ensimesmada. “A capacidade de durar bastante não é mais uma qualidade a favor das coisas. Presume-se que as coisas e as relações são úteis apenas por um “tempo fixo” e são reduzidas a farrapos ou eliminadas uma vez que se tornam inúteis” (BAUMAN, 2009, p.663).

Como se percebe, o anúncio de uma nova era começa a ganhar contornos definidos a partir dos anos 40 e início dos anos 50, sendo a década de 60 considera um período de transição. Anuncia-se uma nova era em que o consumismo ditado pelo sistema capitalista pauta as relações humanas. Assiste-se à massificação de produtos, que acabam tirando a identidade das pessoas, transformando-os em anônimos. Experimenta-se uma era na qual o triunfo do capitalismo e o ideário da globalização criam uma profunda revolução no fluxo de bens e informações.

Nas palavras de Jameson:

Acredito que a emergência da pós-modernidade está estreitamente relacionada à emergência desta nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo. Acredito também que seus traços formais expressam de muitas maneiras a lógica mais profunda do próprio sistema social (JAMESON, 1994, p.11).

A era pós-moderna constitui-se, como se observa pelas postulações de Jameson como uma era em que impera a lógica reiterada do capitalismo e do consumismo. Constitui-se numa era em que arte se dessacralizou, passando a ser produzida em série com o intuito de ser consumida e alimentar uma indústria cultural, que rotula, cria hábitos, alça personalidades ao posto do estrelato. Trata-se de uma era em que a televisão não é o único meio de entreter e informar. Enfim, cria-se uma sensação de “aldeia global” que leva à massificação, à homogeneização. Ademais, vale ressaltar ainda, que esse homem vive sob a égide das quebras de barreiras geográficas e de uma profunda sensação de compressão do espaço-tempo.

Jameson elege como símbolos dessa fase as transformação da realidade em imagens, a transformação fragmentária do tempo em uma série de presentes perpétuos. Para o autor, tem-se um indivíduo que “presentifica” o momento, porque sabe que seu futuro é incerto e problemático, porque não se vislumbra nenhum horizonte. A essa

constatação liga-se à lógica da teoria da esquizofrenia cunhada por ele para explicar a condição desse sujeito. Para o autor, esse sujeito está “condenado, portanto, a viver em um presente perpétuo, com o qual os diversos momentos de seu passado apresentam pouca conexão e no qual não se vislumbra nenhum futuro no horizonte” (JAMESON,1994, p.21 )

## **A globalização e seus efeitos**

Estabelecendo postulações acerca desse processo, entende-se que ela se trata de uma fase da expansão capitalista. Hall (2003) a encara como sendo os processos atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras regionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, o que serve para tornar o mundo em realidade e experiência mais interconectado. Ela dita formas de consumo, relaciona-se com o processo de criação fragmentada de identidades.

Nessa etapa capitalista, barreiras geográficas foram transpostas, comprimindo-se o espaço-tempo, uma vez que os indivíduos podem se comunicar em escala global. Para Thompson (2011), a globalização não significa apenas a quebra das barreiras geográficas, mas sim um processo mais amplo que se relaciona à crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo num processo que acaba originando verdadeiras formas complexas de interação e interdependência.

De fato, a globalização não se trata de um fenômeno recente. Esse processo originou-se no período das grandes navegações, o que contribuiu com o comércio e trocas entre as pessoas, gerando amplas consequências. A esse respeito, Stuart Hall postula que ela leva à desintegração das identidades nacionais bem como leva ao surgimento de sociedades híbridas, que ocorrem devido ao deslocamento que as identificações globais acarretam, extinguindo a identidade nacional única e fixa. Assim, o autor encara as mudanças ocorridas no sujeito não apenas como uma desagregação, mas sim como um deslocamento. “Aqueles que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que acontece na modernidade tardia não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento” (HALL, 2001, p.34). Isso ocorre porque o processo de globalização, ao mesmo tempo que é encarado como uma



expansão de mercados e de potencialidade econômica da sociedade, acaba por reduzir a capacidade de organização do Estado. Em suma, esse processo “produz maior intercâmbio transnacional e deixa cambaleante a segurança que dava o fato de pertencer a uma nação” (HALL, 2003, p.19).

Como se percebe, a globalização é encarada como um conjunto de mudanças que ocorrem nas esferas econômica, financeira, comercial social e cultural. Grosso modo, quando se define que ela significa a interdependência de todos os povos e países da superfície terrestre, na verdade quer se dizer que se trata de um processo homogeneizador, ou seja, de uniformização de padrões culturais e econômicos. Trata-se de um processo que está em curso, entendido como a nova fase do capitalismo e do Imperialismo econômico comandado por empresas transnacionais.

Nas palavras de Hall:

A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, majors do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio, e do dinheiro dos países pobres, subordinando-se à exploração concentrada com que esses atores reordenaram o mundo na segunda metade do século XX (HALL, 20003, p.29).

Percebe-se então que esse amplo processo de globalização redimensiona e propuliona o debate acerca das identidades, conceito intimamente ligado às heranças sociais e culturais, permitindo-se, então, concluir que o mundo experimenta uma profunda fase de alteração de paradigmas que se fundamenta num grande espaço de hibridização, o qual está sendo responsável pela fragmentação mais acentuada do indivíduo. Assim, vê-se que “o mundo não é e mais exclusivamente uma coleção de nações, sociedades nacionais, estados-nações, em suas relações de interdependência, colonialismo, imperialismo, bilateralismo, multilateralismo” (IANNI, 1994, p.07).

Para o teórico, ocorreu uma grande mudança no que se refere ao paradigma que trata sobre o centro do mundo. Assim, Ianni assevera que o centro do mundo não é mais ocupado pelo indivíduo, mas sim pelo coletivo. Para tanto, emprega as categorias povo, classe, grupo, minoria, maioria, entendendo seros conceitos de nação e de indivíduo como categorias existentes, todavia não se constituem como hegemônicos. “O mundo

mundializou-se, de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica” (IANNI, 1994, p.08).

O autor trata também acerca das “metáforas da globalização”, ou seja trata de uma série de qualificações que surgem para se referir a essa etapa tão emblemática marcada pela surpresa, encantamento e susto. Assim, as alegorias para se referir a esse processo têm por objetivo tentar dimensionar o que está acontecendo nessa atual etapa. Nas palavras do autor: “Na época da globalização, o mundo começou a ser taquigrafado como aldeia global, fábrica global, terra pátria, nave espacial, nova babel e outras expressões” (IANNI, 1994, p.09).

Uma postulação surpreendente defendida por Ianni (1994) é o reconhecimento do declínio do indivíduo. O autor sustenta que o próprio homem é responsável pelas condições de materialidade e de espiritualidade no que se refere a uma subordinação e possível dissolução. “A mesma fábrica da sociedade global em que se insere e que ajuda a criar e recriar continuamente, torna-se o cenário em que desaparece” (IANNI, 1994, p.16).

Hall (2003), também não traça um posicionamento otimista acerca das consequências do processo de globalização na sociedade. O autor encara a tão propalada interdependência global como o prenúncio de um colapso de todas as identidades.

## **Considerações finais**

Muito se tem discutido e postulado acerca da condição pós-moderna. São muitas as consequências dessa era para os seres humanos. De modo geral, o homem do final do século XX não se apresenta com uma identidade única, mas com várias identidades, que são alteráveis e descartáveis. Para esse homem, há uma crise na crença e no conhecimento. Por essa razão, há uma incapacidade de se manter crente em suas convicções ao mesmo tempo em que acredita ser o conhecimento meramente transitório. Assim, a crise desse sujeito é evidenciada pelas suas atitudes cada vez mais superficiais, ensimesmadas e fluidas.

Longe de esgotar a temática instigante acerca da pós-modernidade, o presente artigo preconizou delimitar as características do estágio atual experimentado pela sociedade bem como pautou-se em tratar acerca das configurações identitárias nesse

cenário. Conclui-se que elas não são estáveis, caracterizando-se pela fluidez e por uma constante reconfiguração estabelecida num processo amplo de negociação e sensação de pertencimento a um grupo.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.
- GARCIA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2001.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- IANNI, O. **Teorias da globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo e sociedade do consumo**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo n.º 12, pp. 16-26, jun. 85
- PELLEGRINI, T. **Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?** Novos Rumos, São Paulo, n. 35, p.54-65, 2001.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. Edições Loyola, 2002 .
- THOMPSON, J. B. **A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999;